Reprodução social das desigualdades através da escola

Pedro Augusto Chizollini Lonel

1º semestre/2019

Introdução: A Sociologia da Educação

A sociologia da educação se interessa pelos processos de inculcação e apropriação das habilidades, sensibilidades e disposições para uma determinada participação na sociedade. Esses estudos se indagam sobre as condições que tornam possível a permanência, ao longo do tempo, das hierarquias que dão sentido às interações entre grupos. Nesse sentido, os estudos da sociologia da educação geralmente tomam como ponto de partida a instituição escolar. Historicamente, a formação dos Estados-nação coincide com a legitimação da escola única e obrigatória, de modo que as famílias passaram a dividir com o Estado a responsabilidade e o trabalho da formação, encarregando-a de garantir que o destino social dos indivíduos não fosse estabelecido pelo nascimento e sim pelo mérito escolar e pela inculcação de saberes. Nesse sentido, a escola foi gestada como uma instituição que se pretendia ser autônoma. No entanto, a máquina escolar, através da emissão de diplomas e certificados, resultados de um processo de avaliação em uma suposta situação de equidade, passa a tomar o lugar dos sobrenomes na definição dos percursos sociais, se tornando mecanismo privilegiado de reprodução das desigualdades sociais

Os estudos sobre as desigualdades de acesso à educação de acordo com os grupos sociais, os mecanismos e seus efeitos sobre a estratificação social, adquiriram uma posição cada vez mais central nos estudos da área da sociologia da educação a partir da década de 1950-60 (FORQUIN, 1995). A expansão dos sistemas de ensino em países industrializados no pós guerra, concomitante a um período de crescimento econômico e de consolidação do Estado de Bem-estar social, acompanhou o surgimento de correntes de pesquisa voltadas para o estudo da relação entre o sistema escolar e a estratificação/mobilidade social (NOGUEIRA, 2005). Na França, é produzida a

pesquisa longitudinal realizada pelo I.N.E.D, focando-se nos mecanismos de orientação e seleção escolar; A O.C.D.E produz o relatório de base nº4, sobre a desigualdade de acesso ao ensino superior e secundário entre os países membros; O Relatório Coleman, no Estados Unidos, estuda as desigualdades de acesso ao ensino superior ligadas a diferenças de raça, cor, gênero e origem social; O Relatório Plowden, na Grã-Bretanha, analisa os efeitos dos fatores familiares, sociais e escolares nos desempenhos escolares (FORQUIN, 1995). Todos estes trabalhos apontaram para a dimensão sociocultural das famílias como um dos principais fatores explicativos da desigualdade de oportunidades escolares entre os indivíduos.

Floud, Hasley e Martin (1956), na Inglaterra, foram os primeiros a realizar um estudo sobre a influência da origem social e do ambiente familiar nos resultados e orientação escolares de alunos, verificando que aqueles que possuem maiores chances de obter o sucesso escolar são aqueles que possuem pais mais escolarizados e condições culturais mais favoráveis (SEABRA, 2009). Bernstein (1971), também na Inglaterra, realiza sua pesquisa em torno da relação entre o sucesso escolar e o código linguístico portado pelos estudantes, verificando uma correlação entre o uso de uma linguagem específica - entre as famílias populares - e o insucesso escolar (SEABRA, 2009).

Já na década de 70, em um contexto teórico dominado pelo paradigma da reprodução os estudos de Bowles e Gintis (1976) e Baudelot e Establet (1971), de vertente marxista, e os de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron (1964 e 1970), de vertente culturalista, apontaram a transmissão familiar de uma herança, seja ela simbólica ou material, como fatores determinantes para os resultados escolares dos indivíduos, de modo que os grupos sociais que ocupam posições sociais mais altas e retêm bens materiais e simbólicos teriam maiores vantagens dentro dos sistemas escolares (NOGUEIRA, 2005). Sem dúvida, nesse contexto, os trabalhos de Pierre Bourdieu, ora em conjunto com Jean Claude Passeron, ora avançando individualmente em suas reflexões teóricas sobre a questão da reprodução social, foram responsáveis por alçar a questão das desigualdades escolares a um patamar sociologicamente relevante de estudos.

A teoria da reprodução de Pierre Bourdieu

Em “Os Herdeiros - Os Estudantes e a cultura”, Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron tratam sobre as desigualdades no sistema de ensino francês, focando na questão do acesso ao ensino superior e as formas pelas quais o sistema de ensino retrabalha, em seu interior, as desigualdades sociais. Segundo os autores, para todas as classes, a chance de acessar o ensino superior é o resultado de uma seleção previamente realizada pelo sistema escolar, em que a origem social dos sujeitos é um dos fatores determinantes. Através de pesquisas empíricas, constatam que as chances de entrar na universidade variam de acordo com as camadas sociais, pois as chances de ingresso aumentam conforme se parte das classes desfavorecidas em direção à elite. No entanto, os autores não consideram que o fator econômico seja o único capaz de explicar o êxito escolar, uma vez que percebem que diferentes indivíduos de diferentes origens sociais possuem diferentes atitudes, disposições e aptidões perante o ensino, de maneira que é preciso compreender quais são os obstáculos culturais que interferem nesse processo.

Partindo do pressuposto de que a realidade carrega em si uma tendência a preservar seu ser, Bourdieu identifica que os agentes ou grupos, ao ocuparem diferentes posições e agirem no espaço social, realizam constantemente ações de construção e reconstrução da estrutura social. Logo, a sociedade é constituída tanto por mecanismos que permitem a reprodução das estruturas objetivas, como de disposições dos agentes para agirem (e reproduzirem) essa estrutura. Dessa forma, identifica um sistema de estratégias de reprodução que visa transmitir formas de capital - econômico, cultural, simbólico - em que as famílias serão os principais sujeitos desse processo. Por sua vez, as desigualdades que operam dentro do sistema de ensino operam a partir da ação de um privilégio cultural, em que cada família transmite para seus filhos uma certa quantidade de capital cultural, de valores implícitos que serão profundamente interiorizados, contribuindo para definir as atitudes que os agentes colocarão em prática ao se relacionarem com a cultura e com a instituição escolar.

A esse tipo de ação familiar, Bourdieu identifica como estratégias de reprodução que tem, como princípio, não intenções racionalmente tomadas, mas disposições de um *habitus* que tende a reproduzir as condições de sua própria produção. Segundo Wacquant, através do conceito de *habitus*, Bourdieu busca compreender quais formas a sociedade se interioriza nas pessoas sob a forma de disposições, capacidades ou propensões adquiridas, de forma que estruturem as formas de pensar, agir e sentir que

guiarão suas respostas aos constrangimentos e solicitações da ordem social. Ao acumular e agregar experiências passadas, o *habitus* tem de ser herdado de práticas anteriores, de forma que a socialização dentro do meio familiar terá grande relevância para sua formação, uma vez que a experiência social se inicia com o nascimento e se desenvolve a partir da relação com os adultos. É através do processo de socialização que aprendemos a nos tornar membros da sociedade, pois é através do contato com os outros que se estabelecerão os padrões por meio dos quais a experiência irá se realizar, de modo que os padrões sociais serão impostos à conduta individual (BERGER e BERGER, 1977). Sendo assim, uma das primeiras formas de constituição do *habitus* se dará através da convivência familiar, sendo produto da quantidade de capital acumulado pela família e das condições sociais específicas. Dessa forma, por estruturar-se no passado, é também estruturante de ações e representações presentes, guiando estratégias mesmo que não sejam racionalmente pensadas, de modo que tende a reproduzir as condições de sua própria produção, reproduzindo, por conseguinte, todo o sistema social.

A reprodução social, por sua vez, depende dos benefícios que se pode esperar dos diferentes investimentos em função dos poderes sobre os diferentes mecanismos de institucionalização que asseguram o volume e a estrutura de um capital. Devido às possibilidades diferenciais de benefício que oferecem a seus investidores, os mercados sociais impõe sistemas de interesses diferentes e propensos a serem investidos através de diferentes mecanismos de reprodução. Dessa forma, em nossas sociedades em que diferentes instrumentos de reprodução estão disponíveis, a distribuição da posse sobre os instrumentos é que determina a performance que os mecanismos estão em condições de oferecer para os agentes, bem como o nível de reprodutibilidade e de conservação da posição social.

Logo, o êxito também depende das estruturas de propensões que possuem os indivíduos para investir em determinados mercados. Desta forma, quando ocorre uma transformação nas formas de patrimônio e na estrutura dos mecanismos de reprodução, ocorre igualmente uma transformação nas estratégias de benefício, fazendo com que ocorra uma reestruturação do sistema de estratégias de reprodução. Os possuidores de poder têm de reconverter suas posses, suas formas de capital acumulado, em outras formas mais rentáveis e legítimas, dado o novo estado dos mecanismos de reprodução.

Em “Reprodução Cultural e Reprodução Social”, Bourdieu evidencia a forma pela qual o sistema escolar reproduz as estruturas de distribuição desigual do capital cultural, social e econômico. Aqui, novamente, destaca-se o papel da família e o investimento na formação de seus filhos, diretamente relacionado ao capital cultural ou econômico transmitido. Bourdieu realiza pesquisas empíricas buscando a relação do “capital herdado” com o sucesso e destino escolar dos filhos, percebendo que as desigualdades de capital cultural herdado pelos alunos no ensino secundários são mantidas nas escolas, uma vez que esta não consegue impor seus próprios critérios de hierarquização, tendendo a aumentar as desigualdades ao longo do percurso escolar, de modo que os alunos culturalmente mais favorecidos tenham melhores condições de acesso às instituições de ensino superior do que outros, permitindo a intensificação desta desigualdade na distribuição de capital cultural. Ou seja, a estrutura desigual de capital existente fora da escola e transmitida pelas famílias é intensificada pela própria escola, uma vez que é incapaz de impor outra forma de hierarquização ou dissipar a hierarquização já posta, acabando por reproduzir estas estruturas de hierarquização internamente.

Ao decorrer desse processo, a relação imbricada do *habitus* com a herança cultural contribui para definir as condutas dos indivíduos, de modo que é a partir da conjunção entre esses dois fatores e das disposições privilegiadas pelo sistema de ensino, que opera o princípio de eliminação das crianças das diferentes camadas sociais. Sendo assim, a atitude familiar frente a cultura e a escola é determinante para o prosseguimento dos estudos e as chances de êxito, exprimindo as esperanças objetivas de cada uma das camadas sociais em relação ao sistema de ensino. As camadas médias e populares passariam por obstáculos ainda maiores para permanecerem no sistema, uma vez que possuem uma quantidade inferior de capital cultural acumulado, tendo que realizar um esforço maior ao serem obrigadas a demonstrar um êxito excepcional, enquanto nas camadas dominantes é nítido o esforço para realização de uma reprodução da posição socialmente ocupada, de forma a garantir o prestígio e o privilégio, cabendo a essas famílias a responsabilidade por inculcar nas crianças a herança cultural adquirida.

As pesquisas sobre a desigualdade escolar no Brasil.

Algumas pesquisas na área da sociologia da educação, no Brasil (PORTES, 2000; ZAGO; 2000; ALMEIDA, 2009; BANDERA, 2014), procuram cada vez mais articular o arcabouço intelectual bourdeusiano, reaplicando-o ao contexto nacional e avançando em determinados pontos. Estas pesquisas buscam compreender o que exatamente a família influencia nas trajetórias educacionais dos filhos, seja entre as camadas populares, médias ou dominantes, de forma a evidenciar suas particularidades, significados, conflitos e perspectivas próprias, diretamente ligadas ao contexto no qual estão inseridas e na posição social e de classe que ocupam. Écio Antônio Portes, em "O trabalho escolar das famílias populares", tem como objetivo se aprofundar nas dinâmicas que atravessam às famílias populares em relação ao trabalho escolar efetuado, para que seus filhos consigam entrar em uma universidade pública, mais especificamente, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), nos cursos mais seletivos e supervalorizados, tais como Direito, Medicina, Engenharia Elétrica, Ciência da Computação, Fisioterapia e Comunicação Social.

Ao lançar mão do conceito de trabalho escolar, o autor se refere às ações que os grupos familiares realizam na tentativa de assegurar a entrada e permanência de seus filhos no sistema escolar, de maneira a influenciar a trajetória destes, para que consigam atingir os níveis mais elevados de escolaridade. Ao mesmo tempo, Écio ressalta que esse tipo de trabalho não se dá ao mesmo tempo, nem da mesma forma, para as camadas populares, mas está majoritariamente relacionado às condições materiais de existência, a constituição histórica das famílias, o desconhecimento do funcionamento do sistema escolar e a ausência de capital escolar. Sendo assim, o autor lança a hipótese de que há um conjunto de circunstâncias atuantes nas vidas das camadas populares que, mesmo que difiram de família para família, guardam relações entre si. Logo, o objetivo é investigar essas circunstâncias e compreender como adquirem sentido quando relacionadas entre si.

Nicolau Dela Bandera, assim como Écio Portes, busca investigar quais são as formas de produção do sucesso escolar empreendidas pelas famílias, tendo como campo de pesquisa um estudo de caso da Escola Técnica Federal de São Paulo, focando, diferentemente do primeiro caso, nas frações de classe média que frequentam esta escola. Esse foco pode ser pensado através da hipótese de que a produção do sucesso

escolar, seu sucesso ou fracasso, podem ser pensados através do grau de estabilidade ou possibilidade de ascensão social através do acúmulo de capital cultural, uma vez que outras formas de acumulação de capital se tornaram menos eficazes para estes grupos. Ao mesmo tempo, o autor também expõe as disposições e as crenças sociais que percorrem o cotidiano destes estudantes, uma vez que considera que determinadas formas institucionais produzem jovens aptos a seguir uma trajetória marcada pelo alto investimento escolar.

Da mesma forma, a organização do sistema de ensino altamente seletivo, tanto pelo vestibulinho, como pela ação pedagógica da Escola Técnica Federal, tende a diferenciar os alunos entre *nerds*, esportistas e prodígios (bons nos esportes e nos estudos), somado com as relações de gênero e etnia, se tornando determinantes para a produção de desigualdades dentro do próprio sistema de ensino, possibilitando uma ação de reprodução dentro da estrutura social.

Nadir Zago, em "Agricultura familiar e destinos sociais dos jovens: entre a permanência na agricultura e a busca por novos horizontes via escolarização", ao tomar como objeto de estudo o ambiente rural, retoma o modelo de modernização da agricultura brasileira, instituído em 1950 e 1960, que privilegiou a concentração da terra, incentivou a incorporação da tecnologia e a mecanização do trabalho, para mostrar como esse processo interferiu na organização do trabalho não só economicamente, mas também simbolicamente, seja na crença dos grupos familiares rurais em relação ao futuro de sua atividade de trabalho, seja na possibilidade de transmiti-lo às novas gerações. Dessa forma, Nadir busca compreender o destino provável dos jovens, articulando o significado das relações entre trabalho, escolaridade e perspectivas sociais dos pais em relação aos filhos e as perspectivas socioprofissionais dos jovens universitários de origem rural.

Em "A escola dos dirigentes paulistas", Ana Almeida inaugura a análise do processo de escolarização das classes dominantes na cidade de São Paulo, realizando uma etnografia em quatro das principais escolas da elite paulistana. A autora analisa como as classes dominantes garantem a reprodução de sua posição através da transmissão dos capitais sociais, culturais, econômicos e simbólicos acumulados, articulando-os entre si, de modo que confluem para sua reprodução. Desta forma, a autora busca relacionar e compreender a ação realizada por duas instâncias que,

combinadas, têm como objetivo formar herdeiros que adquiram um *habitus* condizente, para assumirem os deveres inerentes às posições que ocupam e garantirem a melhor educação possível, sendo estas as visões de mundo familiares e o tipo de ensino professado pela escola.

No caso das famílias populares, as trajetórias escolares são constantemente interpeladas por uma situação material frágil, um planejamento precário e um horizonte temporal curto, de maneira que produzem situações e relações que se articulam entre si de forma a garantir que consigam atingir níveis elevados de ensino. Estas situações e relações são da ordem moral doméstica, sendo elas: o aprendizado dá a importância tanto da escolaridade, como da realização dos deveres do lar; a atenção, principalmente das mães, para com o egresso e acompanhamento dos filhos na escola básica, bem como no apoio e incentivo da permanência dos filhos nas escolas superiores; a atuação, interferência e proximidade de professores ao estudante, que reconhece a capacidade individual e impulsiona sua trajetória; a necessidade de uma ajuda material que permita a manutenção dos gastos referentes a universidade, mesmo que pública; a existência de um grupo de apoio, seja de professores ou de colegas, que garantam a inserção do estudante em um espaço estranho, frequentado por uma camada ou classe diferente da sua, de forma que passa a ser influenciado pelas aspirações escolares do próprio grupo.

A inserção no sistema escolar e o alcance de níveis elevados adquirem um sentido específico para as camadas populares, ao mesmo tempo em que permeado de referências tensas sobre o próprio cotidiano, uma vez que a momentos em que as situações materiais precárias se impõem e dificultam o acesso, ao mesmo tempo a inserção é vista como necessária de qualquer forma, caso os pais queiram que seus filhos superem uma situação humana frágil e limitadora. Esse sentimento familiar é então responsável por incentivar os filhos a manterem seus caminhos, mesmo quando estes se veem repletos de conflitos no meio em que estão inseridos, a ponto de quererem desistir de seus cursos e voltarem para suas casas.

No caso dos estudantes de classe média das Escolas Técnicas Federais, a geração dos avós do alunos entrevistados fazia parte de uma classe média tradicional, marcada por pequenos empresários e comerciantes detentores de títulos de propriedade, que entrou em decadência no decorrer do século XX, principalmente nas décadas de 1980 e 1990, devido a mudanças no mercado de trabalho e na estrutura social. Assim a geração

dos pais destes estudantes foi a primeira a ter uma necessidade objetiva da aquisição de capital cultural e simbólico na forma de títulos escolares, de forma a garantir a manutenção da posição na estrutura social adquirida pela geração dos avós. Esse percurso da trajetória familiar criará um *habitus*, um senso prático, nos estudantes de que, para se manterem na posição herdada na estrutura social ou ascender, é preciso sistematizar, ainda mais, o capital cultural herdado, de forma a tomarem como um dever realizar a trajetória objetivamente inscrita de suas famílias.

Por fim, no caso paulista das camadas dominantes, a autora mostra como há uma concordância entre as expectativas de vida e as visões de mundo familiares com o estilo e o tipo de ensino aderido. Quanto ao mecanismo de reprodução, a autora identifica alguns elementos trabalhados pela cultura escolar, tais como a autodisciplina do corpo, o domínio da linguagem e da escrita culta, o senso de legitimidade da própria posição social e o senso das fronteiras simbólicas que os separam dos outros grupos sociais. A inculcação e reprodução destes esquemas de percepção contribuem para a formação do indivíduo, bem como para que sejam treinados a ocupar de maneira eficaz a posição social herdada.

Entre os quatro casos analisado, o significado da escolaridade tende a se distinguir conforme as classes sociais que os grupos ocupam, bem como devido às mudanças estruturais ocorridas no mercado de trabalho, afetando profundamente as perspectivas de futuro de cada um dos grupos. Nas camadas populares, a trajetória escolar tende a aparecer como uma possibilidade de superação da posição social ocupada e melhor inserção no mercado de trabalho. No caso das camadas dominantes, o principal significado e objetivo parece ser a reprodução da posição social herdada, enquanto nas médias os dois significados parecem atuar em conjunto, de forma que em certos momentos a escolaridade aparece como possibilidade de mobilidade social e, em outros, caso tenham ocorrido mudanças nas formas de organização do trabalho dentro da estrutura social, aparece como reprodução da posição ocupada.

Os estudos dos casos brasileiros, ao incorporarem o arcabouço intelectual da sociologia da educação – a teoria bourdieusiana do *habitus*, a noção de campo, de capitais simbólicos, culturais e econômicos e as estratégias familiares de reprodução - demonstram a tendências e possibilidades contemporâneas das pesquisas em sociologia da educação em articular as categoria “família” e “escola”, ao fazerem a relação entre

processos macro estruturais com as ações cotidianas e micro-sociais dos agentes envolvidos, distinguindo também como essa influência varia, simbólica e materialmente, de acordo com a posição social e de classe destes atores.

Bibliografia:

ALMEIDA, Ana Maria. *As escolas dos dirigentes paulistas*: ensino médio, vestibular, desigualdade social. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.

BANDERA, Nicolau dela. Esforçados e "talentosos": a produção do sucesso escolar na Escola Técnica Federal de São Paulo. Educação em Revista, Belo Horizonte, 2014.

BERGER, Peter & BERGER, Brigitte. Socialização: como ser um membro da sociedade. In: FORACCHI, Marialice Mencarini & MARTINS, José de Souza (Ed.). ***Sociologia e sociedade***. Rio de Janeiro: LTC, 1977. p. 200-14.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. ***Os herdeiros.*** Os estudantes e a cultura. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BOURDIEU, Pierre. Reprodução cultural e reprodução social. In: _____. ***A economia das trocas simbólicas***. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 295-336.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. Alice & CATANI, Afranio M. (Ed.). ***Escritos de educação***. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 39-64.

BOURDIEU, Pierre. Stratégies de reproduction et modes de domination. ***Actes de la Recherche en Sciences Sociales*.** Paris, 105, 1994. p. 3-12. Tradução espanhola em ***Las estrategias de la reproducción social*.** Buenos Aires : Siglo Veintiuno, 2011. p. 31-50.

FORQUIN, Jean-Claude. Sociologia das desigualdades de acesso à educação: principais orientações, principais resultados desde 1965. In. *Sociologia* da *educação*: *dez anos* de *pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 1995 Cap. 1, p. 21-55.

NOGUEIRA, Maria Alice. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. Análise Social, 15, 176, p. 563-7, 2005.

PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique. A infância dos chefes – a socialização dos herdeiros ricos na França. In: ALMEIDA, Ana Maria F. de & NOGUEIRA, Maria Alice (Org.). A escolarização das elites. Um panorama internacional da pesquisa. Arquivo.

PORTES, Écio A. O trabalho escolar das famílias populares. IN: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Org.). Família e escola. Trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000. p. 61-80.

SEABRA, Teresa. *Desigualdades escolares e desigualdades sociais*. Sociologia, Problemas e Práticas, Oeiras, n.59, p.75-106, Jan. 2009. Availablefrom <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292009000100005&lng=en&nrm=iso>. access on 23 Apr 2019.

WACQUANT, Loïc. Esclarecer o *habitus*. ***Educação & Linguagem*.** São Bernardo do Campo, 16, p. 63-71, jul./dez. 2007.